



Guardiões da tradição: Uma análise sociológica da atuação de perfis católicos tradicionalistas no *TikTok*

Keepers of the tradition: A sociological analysis of the performance of traditionalist catholic profiles on *TikTok*

Rafael Curcio¹

Resumo: O presente trabalho esboça uma análise sociológica da atuação de perfis identificados como católicos tradicionalistas na rede social *TikTok*. Tais perfis apregoam elementos do repertório católico-tradicionista, especialmente, a missa tridentina, em meio a discursos ofensivos carregados de mensagens anti-modernistas, direcionadas contra minorias sociais, grupos religiosos e até católicos ditos “modernistas”. Essa atuação verificada contradiz a expectativa do cultivo do ecumenismo e de práticas litúrgicas acessíveis à população leiga a fim de atraí-la ao rebanho católico, no sentido do *aggiornamento* promovido pelo Vaticano II. A explicação que sugerimos para tal fenômeno, com base na teoria do mercado religioso, é que o fetiche pelo tradicional, além de ser efeito das disputas internas no campo do catolicismo, compõe uma estratégia de proselitismo religioso, em que o conjunto de elementos tradicionais romanos, envelopado numa estética sacra barroca, é a *commodity* religiosa oferecida no mercado religioso, em concorrência com outros grupos, sobretudo, os de matriz protestante.

Palavras-chave: Catolicismo Tradicionista. *TikTok*. Modernidade Religiosa.

Abstract: The current paper outlines a sociological analysis of the performance of profiles identified as Traditionalist Catholics on *TikTok*. Such profiles promote elements of the Traditionalist Catholic repertoire, especially the Tridentine Mass, amid offensive discourses loaded with anti-modernist messages, directed against social minorities, religious groups and even so-called "modernist" Catholics. This performance contradicts the expectation of cultivating ecumenism and liturgical practices accessible to the lay population in order to attract them to the Catholic fold, in the sense of the *aggiornamento* promoted by Vatican II. The explanation we suggest for this phenomenon, based on the religious market theory, is that the fetish for the traditional, in addition to being the effect of internal disputes in the field of Catholicism, is part of a strategy of religious proselytism, in which the set of traditional Roman elements, wrapped in a baroque sacred aesthetic, is the religious commodity offered on the religious market, in competition with other groups, especially those of Protestant origin.

Keywords: Traditionalist Catholicism. *TikTok*. Religious Modernity.

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Email: rfcurcio@usp.br



Introdução

O presente trabalho almeja realizar uma análise qualitativa, por meio de lentes da sociologia da religião, da atuação discursiva de perfis auto-identificados como católicos tradicionalistas, na popular plataforma de vídeos intitulada *TikTok*.

O catolicismo tradicionalista é um movimento religioso cuja atuação midiática tem chamado atenção na internet brasileira (Silveira, 2018; Sbardelotto, 2023). Suas origens estão conectadas às transformações na estrutura catequética, doutrinária, litúrgica e pastoral da Igreja Católica Apostólica Romana a partir do Concílio Vaticano II, ocorrido entre 1962 e 1965. O impacto do seu *aggiornamento*² foi sentido pelas alas conservadoras do catolicismo como uma ruptura, contra a qual se fazia necessário reagir para manter intacta a tradição. Os católicos tradicionalistas surgiram nesse contexto em defesa de uma visão de mundo intocada pela modernidade. Caracterizam-se, portanto, pelo descontentamento com o rumo progressista do catolicismo, resistência em adotar as diretrizes do Vaticano II e a defesa de valores e práticas que remontam ao período anterior a este Concílio (Dinges, 1995, p. 101; Sapitula, 2010, p. 317).

Embora grupos católico-traditionalistas já existam desde o final da década de 60, eles ganharam novo ímpeto durante o pontificado de Francisco, conforme, sob sua liderança, a Igreja tem dado sinais de avançar o *aggiornamento*, no mesmo esforço de atender demandas sociais e revitalizar a fé católica que motivou o Vaticano II (Sbardelotto, 2023, p. 2).

Como explicar que o impulso católico tradicionalista se mantenha avivado em meio às condições da vida moderna? O modo de vida tradicionalista não seria muito custoso de sustentar na sociedade contemporânea, destradicionalizada? Em que reside o apelo do discurso católico tradicionalista? Seria isso persistência e, dessa maneira, uma evidência da resistência da tradição ou do fracasso do projeto moderno? Para tentarmos responder essas e outras questões, vale primeiro identificarmos e compreendermos como age um conjunto de católicos tradicionalistas, para os quais as redes sociais são um meio de expor sua visão de mundo religiosa e, quiçá, de atrair outros para a mesma.

² *Aggiornamento*, do italiano, traduz-se literalmente como atualização. O termo foi empregado por João XXIII no anúncio da sua intenção de realizar um novo concílio e tem sido utilizado desde então para descrever o espírito de mudanças na Igreja decorrentes do Vaticano II. Utilizamos o termo como se normalizou na literatura, embora há de se observar que ele carrega uma carga semântica positiva, favorável às mudanças.



A comparação de estudos prévios sobre os católicos tradicionalistas em contextos nacionais diferentes revela que a atuação deles ganha contornos distintos de acordo com as características do campo religioso em que estão inseridos (Dinges, 1987; Sapitula, 2010; Silveira, 2014; 2018; Stoekl, 2006). Situado na Filipinas, Sapitula foi quem melhor observou que "[...] grupos católico-tradicionalistas, operando em contextos locais, conferem sentido às situações locais e respondem a elas também" (Sapitula, 2010, p. 317, tradução nossa). A respeito do cenário brasileiro, remetemo-nos ao fenômeno da deposição do monopólio eclesiástico católico no último século, acompanhado pelo declínio demográfico de católicos nas últimas décadas, fenômenos que têm acarretado uma reavaliação da identidade nacional do catolicismo não mais como religião hegemônica.

Em nosso reconhecimento exploratório do uso que fazem de meios modernos de comunicação, encontramos católicos tradicionalistas engajados na “luta pelas almas”, com uma estratégia de proselitismo inesperada, devido à sobrevalorização de elementos tradicionais romanos, o que contraria certas medidas oficiais da Igreja e a expectativa dos observadores contemporâneos do catolicismo brasileiro, que esperavam ver “[...] uma destradicionalização cultural inédita em suas dimensões marchas, ritmos e teores de reflexividade” (Pierucci, 2012, p. 88).

O material audiovisual reunido para análise, que será sumariamente apresentado neste trabalho, evidencia que os católicos tradicionalistas, ativos no espaço público das redes sociais, militam em prol do reconhecimento da superioridade do modo religioso tradicionalista, atestada materialmente pela riqueza do seu repertório estético, ao mesmo tempo em que ofertam o simbolismo sacro que tanto admiram, como uma *commodity*, aos potenciais consumidores de bens e serviços espirituais no mercado religioso. Uma ocorrência notável disso, em meio às suas publicações, é a defesa apaixonada da missa tridentina.

A principal contribuição que esperamos fazer é passar da análise centrada nas disputas internas do campo católico à análise do mercado religioso e dos subsequentes conflitos com os seus concorrentes, uma esfera em que nem por isso a violência simbólica é menos corriqueira.

A seguir, na seção 2, buscaremos expor quem são os católicos tradicionalistas, como surgiram e o que desejam. Na seção 3, discutiremos a questão da modernidade



religiosa, no que diz respeito ao uso de meios de comunicação digitais na concorrência pelas almas do laicato brasileiro. Na seção 4, realizaremos uma breve síntese das publicações reunidas sob análise para ilustrar como eles agem na rede social, do qual se sobressaem aquelas voltadas para enaltecer a missa tridentina. Por último, na seção 5, proporemos a explicação, com base em *insights* da teoria do mercado religioso, de que a atuação dos perfis na rede social representa uma modalidade de proselitismo, no qual os elementos do repertório católico-tradicionista, sobretudo a missa tridentina, são os bens espirituais ofertados no mercado religioso.

2. O Vaticano II e a reação tradicionalista

O Vaticano II foi o primeiro concílio realizado desde o Vaticano I, em 1869, e o segundo desde o Concílio de Trento, entre 1545 e 1563. Convocado de maneira inesperada pelo papa João XXIII, o Vaticano II se estendeu de 1962 a 1965 e, neste período, produziu uma série de profundas reformas institucionais na Igreja (Wilde, 2007, p. 3). Por conta disso, é reconhecido como o episódio em que a Igreja, depois de um longo tempo, cedeu sua resistência às mudanças históricas da sociedade ocidental e se colocou na posição de diálogo com o mundo moderno (Sanchez, 2017, p. 124).

Para se ter uma ideia da dimensão histórica do evento, basta lembrarmos que, antes do mesmo, a doutrina católica resistia de maneira intransigente às transformações culturais da sociedade européia trazidas, primeiro, com a Reforma Protestante e aprofundadas, depois, com a Revolução Francesa (Sanchez, 2017; Silva & Caldeira, 2023). Na ocasião do Concílio, ainda eram vigentes as orientações formais de um século atrás, emitidas por Pio IX (1864) na encíclica *Quanta Cura*, quanto à manutenção dos privilégios concedidos à Igreja pelo Estado, à reprovação da liberdade religiosa concedida às outras religiões e à rejeição da liberdade individual de consciência, entre outras coisas.

Como resultado das decisões dos bispos conciliares nas disputas intraeclesiais do Concílio, a Igreja abdicou da reivindicação de ser a única e verdadeira igreja; na esteira dessa decisão, abraçou a separação entre igreja e Estado, tomou o rumo do ecumenismo e reconheceu os direitos humanos, inclusive o direito inalienável à liberdade religiosa; além disso, flexibilizou costumes dos leigos; substituiu o rito da missa em latim pelo da missa ordinária nas línguas vernaculares; concedeu autonomia



ao colegiado dos bispos e criou oportunidades para uma maior participação dos leigos (Wilde, 2007, p. 1). Neste último tópico, mudou o modo como entendia a si mesma, passando de “[...] uma autoridade hierárquica para uma igreja concebida como o povo de Deus” (Wilde, 2007, p. 1, tradução nossa). O termo *aggiornamento*, portanto, capta corretamente o sentido de transformação, pela qual a estrutura enrijecida da religião católica atravessou a fim de se atualizar diante da pressão secularizadora da modernidade.

Do ponto de vista sociológico, o Vaticano II significou um *trade-off* da Igreja entre prerrogativas que podia exercer cada vez menos no mundo secular por uma posição legítima no *modus vivendi* moderno, configurado pela diversidade religiosa (Sanchez, 2017; Wilde, 2007, cap. 4). A Igreja dava um passo atrás, reconhecia a irreversibilidade da autonomização das esferas sociais e, em contrapartida, esperava usufruir de certos mecanismos trazidos com as mudanças, como a tolerância religiosa, para evitar o seu declínio diante dos aspectos mais agudos da secularização, como o avanço do comunismo na América Latina, na Ásia e no Leste Europeu (Wilde, 2007, p. 98). A maior parte das decisões tomadas no Concílio foram bem-aceitas pelos católicos, pois o *aggiornamento* normalizou a relação dos fiéis com o mundo secular à sua volta e, além disso, tornou a religião católica mais aceitável aos olhos dos não-católicos e mais competitiva no campo inter-religioso.

Entretanto, para alguns grupos católicos, as mudanças introduzidas pelo Vaticano II roubaram o “senso de seriedade” da religião católica (Stoekl, 2006, p. 90) ou, pior, configuraram uma ameaça de “protestantização” (Dinges, 1995, p. 103). Ao melhor estilo da compreensão weberiana da dominação, as mudanças representaram, para esses grupos, a perda da única forma de legitimidade que reconheciam como válida: a tradição, cultivada pela transmissão inalterada de crenças e práticas por séculos (Weber, 2009, p. 141). Motivo pelo qual consideraram arbitrárias e inaceitáveis quaisquer concessões ao mundo moderno e pelo qual se voltaram contra aqueles que haviam conduzido à tal situação: a hierarquia eclesiástica.

A partir do final dos anos 60, surgiram os primeiros focos de resistência às mudanças, provenientes das paróquias dos bispos conciliares derrotados pelas alas revisionistas do Vaticano II (Dinges, 1995). No contexto pós-conciliar brasileiro, o movimento tradicionalista foi favorecido pela existência prévia de uma rede católico-



conservadora atuante na esfera pública (Silveira, 2018) e pelo golpe militar do mesmo período (Da Mata, 2007). Como um movimento composto por diversos atores, distribuídos em distintos níveis eclesiais, dispersos entre diferentes regiões do mundo, com acesso a recursos variados, adotando diferentes estratégias e até mesmo divergindo em suas convicções, o catolicismo tradicionalista surgiu a partir daí com o propósito de resistir às mudanças eclesiais e retornar ao *status quo* anterior ao Vaticano II (Dinges, 1995; Sapitula, 2010).

Os católicos tradicionalistas alegam que as “adulterações” contemporâneas comprometem a “imutável tradição da Igreja”, ao passo que os católicos “modernistas” – como são chamados por seus oponentes – defendem a interpretação das doutrinas passadas à luz dos desenvolvimentos recentes, apelando para a ideia da “tradição viva da Igreja” (Sapitula, 2010, p. 321-22). A diferença reside no modo como cada lado olha as mudanças: um faz isso pela “hermenêutica da ruptura”, o outro pela “hermenêutica da continuidade” – para utilizar as expressões do Papa Bento XVI (2008, p. x, tradução nossa). Com efeito, tal disputa trata da legitimidade que a tradição confere à autoridade eclesial no quesito de justificar a verdade da doutrina cristã, algo que é fundamental para a identidade do catolicismo e que, por isso, torna o assunto tão delicado para os católicos.

Desde então, disputas intra-eclesiais irrompem amiúde entre eles e outros grupos católicos que favorecem as medidas do *aggiornamento* (Dinges, 1995). O episódio mais emblemático dessas disputas foi a excomunhão do, até então, Arcebispo Dom Marcel Lefebvre pelo papa João Paulo II, em 1988.³ Membro das comissões conciliares do Vaticano II e líder da *Coetus Internationalis Patrum*, Lefebvre se destacou no meio tradicionalista ao criar, em 1970, aquela que ainda hoje é uma das maiores organizações católico-traditionalistas, a Fraternidade Sacerdotal São Pio X (FSSPX). A escalada de conflitos entre a FSSPX e a Santa Sé culminou na excomunhão de Lefebvre, ao lado do bispo brasileiro Dom Antônio de Castro Mayer, após os dois terem ordenado quatro bispos sem a devida autorização do Vaticano (Stoekl, 2006; Sapitula, 2010).

³ Enquanto desenvolvíamos este trabalho, ocorreu a excomunhão de Dom Carlo Maria Viganò, ex-arcebispo e ex-núncio apostólico nos Estados Unidos, no dia 04 de julho de 2024. O motivo para tanto: sua recusa pública em reconhecer a legitimidade do atual papa e do último concílio (Vatican News, 2024).



A respeito da sua atuação no contexto político francês, Stoekl (2006) observou que Lefebvre se incomodava com duas decisões cruciais do Vaticano II. Em primeiro lugar, o enfraquecimento da hierarquia eclesiástica, antes centralizada, que se tornou mais horizontalizada, conforme concedeu mais autonomia aos bispos e convidou o maior envolvimento dos leigos (Stoekl, 2006, p. 92). Em segundo lugar, o reconhecimento positivo dos direitos humanos, da dignidade humana e da diversidade religiosa, na contramão das posições anti-liberais tomadas pelos papas do século XIX (Stoekl, 2006, p. 92-3).

A partir das nossas observações e dos apontamentos da literatura, os católicos tradicionalistas ainda podem ser divididos em dois subconjuntos, em função do reconhecimento ou não da legitimidade dos papas recentes (Dinges, 1995; Sapitula, 2010). O primeiro subconjunto, conhecido como sedevacantismo, adota discursos que contestam frontalmente a legitimidade da linhagem de papas desde João XXIII. Segundo os sedevacantistas, os papas “modernistas”, ao admitirem as reformas conciliares, cometeram as heresias que haviam sido condenadas previamente pelos papas anti-modernistas. A cadeira do papa estaria, pois, vacante de um sucessor legítimo. Para justificar o seu contraditório catolicismo anti-papal, eles aderem a teorias conspiracionistas, segundo as quais os papas recentes seriam membros de uma força diabólica oculta que se infiltrou nas instituições eclesiásticas e que vem destruindo o catolicismo de dentro para fora, enquanto identificam a si mesmos como os verdadeiros guardiões da tradição (Dinges, 1995, p. 104).⁴

O segundo subconjunto de católicos tradicionalistas pode ser chamado, pela ausência de uma designação própria, de não-sedevacantistas. Em contraste ao discurso dos sedevacantistas, tal grupo não rompe com a autoridade eclesiástica, antes age na expectativa de que a tradição possa ser restaurada, de alguma maneira providencial, pelos canais institucionais da Igreja. Ambos integram, deste modo, um espectro que se estende de posições mais moderadas às mais radicais (Dinges, 1995, p. 105).

Com a exceção deste detalhe, o discurso de ambos grupos compartilham os mesmos marcadores semânticos em torno do mesmo eixo temático: o retorno à tradição

⁴ Os sedevacantistas ignoram, pois, as causas humanas das decisões tomadas no Concílio, em particular, a eficiente rede de comunicação e mobilização dos bispos mais progressistas, que os conservadores falharam a se contrapor, devido à insistência em opiniões ultrapassadas sobre a hierarquia da Igreja (Wilde, 2007, cap. 3).



romana. Isto inclui, acima de tudo, a manutenção das instâncias eclesiásticas anti-modernistas, embora não sejam sempre precisos sobre qual seria o seu objeto de oposição, já que tudo que desaprovam pode ser considerado “modernismo”, mas nem tudo que é moderno desperta o seu desprezo. Como é de se esperar, uma vez que nunca saíram do paradigma *extra ecclesiam nulla salus*, o ecumenismo não faz parte do seu sistema axiológico. Ao contrário, mantém vivo um *ethos* cruzadista, carregado de saudosismo pelo tempo em que a religião católica monopolizava poder temporal o suficiente para não ter que tolerar a diferença.

Além disso, os católicos tradicionalistas cultivam um purismo ideológico que dificulta a sua localização na racionalidade da política representativa contemporânea (Dinges, 1995, p. 106). Se não hesitam trocar fogo amigo entre si mesmos por detalhes doutrinários, muito menos estendem apoio aos políticos da nova extrema-direita, vistos como evangélicos ou maçons. Uma razão para isso é a desaprovação do exercício da soberania nacional, em prol do ideal ultramontanista⁵ de submissão do poder público à Igreja. Outra razão é que vários deles enxergam nas mudanças modernas um fatalismo escatológico para o qual não há solução na mobilização política (Luebbers, 2001), diferente de outros movimentos conservadores que buscaram, outrora, reconverter o país ao catolicismo pela direção dos aparatos do Estado (Silveira, 2018). Tais fatores explicam, por exemplo, a ausência de apoio visível a Jair Bolsonaro, o principal representante da extrema-direita no Brasil. Contudo, a retirada da política não impede que os seus discursos ressoem mensagens correspondentes ao “vetor moral” da agenda política da extrema-direita contemporânea (Almeida, 2019, p. 207-8), no que diz respeito a ataques ao laicismo, ao multiculturalismo, ao feminismo, ao direito de aborto e à comunidade LGBTQ+. Portanto, mesmo que não abracem as lideranças políticas da conjuntura atual, contribuem para o caldo cultural conservador espreado na esfera pública do qual a extrema-direita se alimenta (Dinges, 1995, p. 106; Stoekl, 2006, p. 89).

⁵ Ultramontanismo, do latim *ultra montes*, significa “além das montanhas”. O termo original era reservado aos papas de origem não italiana, isto é, os papas que vinham de fora da região dos Alpes Italianos. No século XVIII, o termo foi ressignificado, a fim de nomear o projeto de centralização da Igreja na figura do Papa, em oposição ao projeto do galicanismo, que visava conceder maior autonomia à Igreja na França. O ultramontanismo é caracterizado pela rejeição tanto de uma maior autonomia regional para as diferentes comunidades católicas espalhadas no mundo, quanto por qualquer dependência ao poder civil de cada região em que está presente.



Acerca do seu núcleo ideológico, não podemos perder de vista que a rejeição do mundo moderno realizada pelos católicos tradicionalistas só ocorre de maneira convicta porque é acompanhada pela crença de que a verdadeira comunidade católica, a despeito das adversidades trazidas pela secularização, triunfará na história por efeito da vontade divina. Para eles, as transformações da modernidade colocam testes de fé que devem ser superados, não pela manobra ou retirada estratégica, mas pela aderência cega às crenças e práticas tradicionais, às quais devem dar continuidade seja qual for o custo individual, de modo que tampouco se esquivam da acusação de fundamentalismo religioso. A intransigência religiosa é assim tida como um sinal manifesto de orgulho, na medida em que assinala um traço de fé inabalável *à la* martírio cristão. Nesse sentido, os católicos tradicionalistas apresentam características observadas em seitas, conforme são um movimento religioso em atrito com mundo social *à* sua volta, intransigentes quanto ao seu modo particular de vida e desviantes da igreja estabelecida em nome de uma tradição superior e mais pura (Bainbridge & Stark, 2008, cap. 5). Abaixo buscaremos descrever como alguns deles agem nas redes sociais.

3. Religião, redes sociais e a modernidade religiosa

O crescimento das redes sociais, nos últimos anos, criou espaços públicos virtuais interconectados, cuja estrutura tecnológica, por sua vez, moldou novas dinâmicas de interação social (Boyd, 2011). Devido à ampliação do espaço público no domínio digital, não é surpresa que expressões religiosas contemporâneas ganharam terreno na internet, conforme variados especialistas religiosos passaram a utilizá-la para oferecer bens e serviços espirituais. Nesse ínterim, as modalidades religiosas e seus adeptos ganharam novas oportunidades de representação, socialização, participação e exposição, complexificando a maneira como as experiências, interesses e compromissos religiosos são produzidos, consumidos e replicados cotidianamente nos espaços *on-line* (Bunt, 2011, p. 705-6; Sbardelotto, 2023, p. 6).

Ao nosso ver, a apropriação tecnológica para a reprodução de discurso e práticas religiosas faz parte das transformações mais amplas do cenário religioso contemporâneo que podem ser circunscritas sob o conceito da “modernidade religiosa” (Pierucci, 2008; Prandi et al., 2019). A modernidade religiosa *à* brasileira está intimamente conectada com o processo secularizador de destituição do monopólio religioso mantido por



séculos pelo clero católico, cujas consequências observadas, nas últimas décadas, são a crescente liberalização do campo religioso e, daí em diante, o desenvolvimento de disposições competitivas, dentre as quais se destaca a

[...] a dinamização racionalizada, tecnicamente falando, da oferta dos bens de salvação que os profissionais religiosos recriam e cada vez mais ‘copiam’ uns dos outros, e cuja distribuição, também tecnicamente racionalizada, eles administram sempre de olho na resposta concorrencial dos adversários religiosos que se multiplicam, multiplicando na mesma proporção perversos focos de ‘fogo amigo’ (Pierucci, 2008, p. 14).

Justamente aqui entra o uso das redes sociais como um instrumento potente de comunicação. Com o intuito de “provar” sua existência no mundo, as religiões precisam ter presença no espaço virtual (Bunt, 2011, p. 714). As ferramentas digitais se mostram úteis tanto para conectar praticantes religiosos dispersos e reuni-los sob um esforço integrado, quanto para alcançar potenciais novos clientes dentre um mercado propenso ao consumo de bens religiosos. Ao longo disso, elas têm permitido que grupos sociais se organizem em “milícias digitais” e, nesta medida, ganhem mais visibilidade do que no passado.

O caso analisado aqui ilustra essa complexificação. Afetados pelos conflitos com a Igreja, os católicos tradicionalistas encontraram, nos diversos segmentos do espaço digital, um meio de reunir seus adeptos separados por barreiras geográficas e de recrutar novos membros para sua causa, constituindo aquilo que Silveira (2014, p. 220) chamou de “comunidade eletrônica católico tradicionalista”. Além do material observado por nós, uma rápida pesquisa *online* revela vários outros canais, perfis digitais individuais e sites de organizações católico-traditionalistas na internet brasileira: Bernardo Küster; Pe. Paulo Ricardo; *Centro Dom Bosco*, *Instituto Plínio Corrêa de Oliveira*, *Associação Cultural Montfort*, *Administração Apostólica Pessoal São João Maria Vianney*, *Fraternidade Sacerdotal de São Pio X* e a *Associação Arautos do Evangelho*. A nossa pesquisa foi motivada pela perplexidade causada pelo contato com uma ponta desse iceberg no *TikTok*.

O *TikTok* conta com mais de 82,2 milhões de usuários no Brasil (Exame, 2023). Similar ao antigo *Vimeo*, o seu principal *medium* de comunicação são os vídeos curtos. Sua popularização global, nos últimos anos, efetivou-se inicialmente entre as camadas jovens da população, por meio da disseminação de entretenimento instantâneo criado pelos próprios usuários da rede social, entre os quais se notabilizou as famosas



“dancinhas” e “desafios” que viralizaram na internet, atraindo os usuários de outras mídias sociais para seu domínio. Atualmente, ela agrega uma ampla variedade de conteúdo em diversos nichos, com maciça presença de *influencers* digitais, de aspirantes a *influencers*, de empresas e dos canais convencionais de comunicação. Esses atores são os responsáveis pela maior parte do conteúdo disponibilizado na plataforma de vídeos. Eles competem entre si pela atenção do usuário comum, que utiliza a rede mais para o consumo de conteúdo do que para a sua auto-expressão. Assim, *likes*, número de visualizações e de seguidores são fatores importantes para aqueles que dependem financeiramente da monetização proporcionada pela rede social.

Em função dessa competição velada, é comum que os criadores de conteúdo reproduzam as tendências (*trends*) que são populares em determinado momento, ao mesmo tempo que tentam ser os pioneiros com uma nova tendência, a ser seguida pelos outros. Isso resulta em ciclos de criatividade, nos quais uma tendência se torna saturada pelo alto número de vezes que é repetida e outra passa a ganhar destaque por sua originalidade, até que o mesmo ocorra com ela. O conteúdo disponibilizado reflete essa dinâmica apresentando traços de apropriações criativas de modelos bastante repetidos.

Outra característica marcante é sua a dinâmica imprevisível na rolagem dos *feeds*. O usuário, ao deslizar a tela do seu celular ou computador, não consegue antecipar qual será a próxima postagem recomendada pelo algoritmo, cujo conteúdo pode variar, a depender do *feed* em que navega, entre publicações de perfis aos quais está fidelizado pelo ato de “seguir” e publicações aleatórias, selecionadas a partir de uma combinação entre as suas preferências e a reação escalar de outros usuários às publicações adicionadas recentemente na rede social. Essa dinâmica possibilita que as publicações furem a bolha de preferências dos usuários e alcancem um público variado que, de outro modo, não teria contato com o conteúdo propagado. Por conta da ausência de controle sobre o fluxo de informação a qual o usuário será exposto ao navegar, a rede social em questão é uma ferramenta propícia ao proselitismo político e religioso.

Assim, quer idealizem ou não o tempo em que o catolicismo tinha poder para impor sua religião aos outros, os católicos tradicionalistas devem atuar numa esfera em que há liberdade religiosa, adaptando-se ao uso das estratégias permitidas por uma sociedade democrática, cujo fator determinante para o sucesso de conversão não é imposição por meio da violência física, mas a capacidade de convencer o público sobre



a verdade da doutrina, em meio à competição com outros especialistas religiosos por objetivos concorrentes. Como se vê, os católicos tradicionalistas se beneficiaram da descentralização dos meios de comunicação (Silveira, 2018; Sbardelotto, 2023). Assim, quer rejeitem ou não a modernidade, para o bem ou para o mal, a atuação deles está circunscrita às condições da mesma. Uma amostra disso é o fato de que os perfis católico-tradicionalistas, nos seus ataques mais virulentos aos adversários, precisam escamotear certas combinações de palavras para evitar o filtro da rede social que bloqueia discursos de ódio.

4. O método, o material sob análise e uma síntese do seu conteúdo

Procuramos mapear como se situam as cargas semânticas construídas pelos perfis selecionados em suas performances discursivas dentro da dinâmica proporcionada pela rede social. Os perfis selecionados para integrar a análise foram aqueles que, produzindo conteúdos na rede social, de algum modo se identificam como católicos tradicionalistas, seja pelo *nickname* escolhido, pelas descrições na *bio* ou pelas *hashtags* empregadas. Além disso, consideramos apenas perfis de língua portuguesa e com mínimo dez postagens. Os perfis são todos anônimos, característica das redes sociais que possibilitam que vários deles pratiquem intolerância religiosa velada, sem provocar nenhuma repercussão, nem serem responsabilizados por tanto.⁶ Os perfis tampouco apresentam vínculos oficiais com a Igreja Católica.

Concentramos nossa análise sobre a atuação de 8 perfis e o montante de 990 publicações até o final de março de 2024. Ao todo, eles acumulam um número aproximado de 1.240.000 curtidas. Alguns perfis nos foram recomendados aleatoriamente pelo algoritmo no nosso uso privado e cotidiano da rede social, outros foram encontrados pelo mecanismo de busca da plataforma após procurarmos pela *hashtag* #catolicotradicionalista – obtenção similar à amostragem por bola de neve. O

⁶ O *TikTok* tem um conjunto de regras para seus usuários cuja violação pode resultar no banimento da conta (Diretrizes da Comunidade, 2023). Entretanto, assim como em outras redes sociais, os usuários adquirem traquejo para evadir os mecanismos automatizados de vigilância da plataforma. Uma estratégia comum empregada por quem dissemina discurso de ódio, por exemplo, é a substituição de uma letra na palavra, guardando o significado dela para um usuário humano, mas tornando-a irreconhecível para um *bot* de segurança.

material reunido, entretanto, não exaure a população de perfis católico-tradicionistas na rede social.⁷

Tabela 1 - Identificação dos perfis

Usuário	Nickname	Bio	Número de vídeos	Número de seguidores	Número de curtidas
@trad_ecclesia	✠ Traditional Ecclesia BR	✠ Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo da Gloriam! • Catolicismo	22	5523	51.8 K
@gvzpoppe	Defensor Fidei	Fidei	94	6.843	240 K
@trad.catholic.roman	JG.	Catholico Tradicional.VA	30	1481	14.1 K
@catolicotrad1	Católico Tradicional	Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis 🙏 Siga o perfil 🙏	149	4816	70.6 K
@sedevacantista_totalista	Sedevacantista_Totalista	Sedevacantista totalista VA Monarquia teocrática 🙏 "Por Deus, e pelo Rei" 🙏	18	1266	23.2 K
@apostoladopio	Traditional Catholic	Católico 🙏 Considerado radical e reacionário por uma sociedade corrompida.	523	16.6 K	793.6 K
@lefels2	lefels VA	Católico tradicionalista	20	629	12.4 K
@catholicae.eccles	catholicae ecclesiae	Viva Cristo Rei Página católica tradicional apoiadora da FSSPX e da SAJM	134	1873	33.7 K

Fonte: Elaborado pelo autor com informações do *TikTok* (Atualizado em 10 de abril de 2024).

Nessa tarefa, classificamos as publicações em dois tipos preponderantes. O primeiro tipo é marcado pelo emprego da linguagem dos *memes*, com o intuito de

⁷ Por conta da volatilidade da internet e para efeito de curadoria das informações que dispomos, as postagens sob análise foram baixadas e armazenadas num *backup*, estando assim disponível na nuvem, se as mesmas forem removidas dos designados *links* – tal como é recomendado no trato de dados capturados da internet (Bunt, 2011, p. 708).



“trolar” uma extensa lista de alvos, que engloba ateus, comunistas, evangélicos, judeus, progressistas, maçons, muçulmanos, protestantes e até católicos “modernistas”, sejam eles carismáticos ou ligados à Teologia da Libertação. Tudo que está *extra* do que entendem ser a verdadeira *ecclesiam* pode ser objeto de escárnio, embora o alvo preferido sejam os religiosos de matriz protestante. Com os *memes*, fazem valer o “*double talking*”, uma forma estratégica de esconder, entre camadas de conteúdo humorístico, provocações ofensivas, cujo significado pleno se revela apenas aos usuários familiarizados com as convenções linguísticas do meio em que são compartilhados (Albuquerque & Quinan, 2021, p. 17-18).

Quando observado como, nesse tipo de publicação, há sempre um sujeito caricato a ser estigmatizado para o enaltecimento do sujeito tradicionalista, fica patente a prática da violência simbólica contra outros grupos sociais, retratados como débeis “*soyjacks*”.⁸ Como já foi observado sobre a proliferação de *memes* nas redes sociais, a despeito do seu potencial recreativo, a ridicularização da figura do outro pode reforçar estereótipos e normalizar preconceitos (Recuero & Soares, 2013), contribuindo desta forma, junto a outras práticas digitais disruptivas como as *fake news*, para o declínio do fluxo de trocas discursivas no âmbito da democracia deliberativa, uma vez que tendem a anular esforços comunicativos e, assim, a potencializar conflitos interpessoais (Almeida, 2019, p. 209).

O segundo tipo de publicação é mais sóbrio no tom, variando entre trechos de celebrações de missas, cenas gravadas de igrejas, sermões de padres, cânticos, orações, exortações, passagens bíblicas, argumentos teológicos ou expressão de devoção aos santos, entre outras figuras admiradas pelo movimento. Entre essas, não raras vezes, surgem publicações de natureza catequética, com esclarecimentos sobre a doutrina

⁸ O *soyjack* é basicamente a figura de um homem com características decadentes e pouco masculinas. Na linguagem dos *memes*, o seu signo é atrelado a tudo aquilo que se pretende deslegitimar, estabelecendo uma relação de identidade entre determinado ponto de vista e a figura débil que a defende. O *soyjack* é geralmente retratado em confronto com a sua contrapartida simbólica, o *chad*, figura hipermasculinizada que representará o lado a que se pretende atribuir a razão no embate, isto é, a perspectiva defendida pelo o autor do *meme*. Para exemplos desse *meme*, vejam: < <https://knowyourmeme.com/memes/soyjaks-vs-chads> >. Acesso em 23 de jul. 2024.



católica a respeito de tópicos variados, incluindo dicas sobre o que alguém interessado em seguir o catolicismo deveria começar a fazer.⁹

O conteúdo dos vídeos tende a ser repetitivo, mas isso não significa que mantenha uma consistência. Ora, reveste-se da estética bizantina, ora, da estética barroca. Ora, reproduz-se cantos gregorianos e outras formas sacras de música, ora, *phonk* e outros estilos mundanos populares na plataforma. Ora, transmite uma imagem de teólogos dispostos a argumentar racionalmente com base em fontes bíblicas, patrísticas e históricas, ora, debocha de maneira infantil dos adversários, empregando a retórica sofisticada dos *memes*. Ora, dizem-se vítimas de perseguição pelas instituições modernas, ora, ofendem e incentivam a intolerância contra minorias sociais e outros grupos religiosos.

A inconsistência verificada é resultado das articulações nas redes sociais: por um lado, ocorre a repaginação de argumentos e símbolos antigos mediante novas formas de linguagem multimodais (Silveira, 2018, p. 295) e, por outro lado, a prática de um *modus operandi* maquiavélico, cujo fim que importa é a denúncia dos “males modernos” e a subsequente desmoralização dos adversários, nesta que é a principal maneira de estabelecer o triunfo do catolicismo, valendo-se dos recursos linguísticos e midiáticos que forem necessários para tanto.

Quando são replicadas em larga escala, todavia, os dois tipos de vídeo, aparentemente distintos, convergem em prol de um quadro estratégico, no qual, primeiramente, apontam os supostos defeitos e vícios dos adversários do catolicismo tradicionalista, de modo a desmoralizá-los perante o público da rede social, somente para, em seguida, apresentarem incutidos em si mesmos as qualidades e as virtudes que dizem estar ausentes nos seus concorrentes. A identidade católico-tradicionalista emerge daí, primeiro, às custas da alteridade e, depois, a partir do enaltecimento dos elementos simbólicos do seu repertório.

As publicações cobrem uma gama de *leitmotifs* do discurso tradicionalista, cuja extensão não podemos reconstruir com a devida riqueza de detalhes, em razão das limitações de espaço. No lugar, permitam-nos realizar um breve sumário de, ao menos, três perfis cujo leque de postagens representam bem as duas principais correntes de

⁹ < www.tiktok.com/@apostoladopiov/photo/7269436411630112006 >.



publicações observadas, a começar pelo perfil @trad_ecclesia. Boa parte dos vídeos desse usuário consiste em cenas da missa tridentina. Todavia, ele também se dedica a difundir mensagens de Marcel Lefebvre. Numa das suas *edit*, vemos cenas da figura cismática e ouvimos um áudio em francês com a voz do mesmo, cuja legenda traduzida diz o seguinte: “Nós devemos manter a Tradição da Igreja com a confiança posta em Deus.\ Confiança na Bem-Aventurada Virgem Maria, nossa amorosa Mãe, Mãe de Deus.\ E devemos estar certos que um dia, Roma retornará a Tradição” [sic].¹⁰ Em outro *edit* similar, ouvimos a mesma voz, agora afirmando como consta na legenda:

Não quero que minha fé mude.\ Nunca! Nunca! Nunca!\ A Fé Católica é a Fé Católica!\ O Credo, é o Credo [sic]. O Credo não pode ser mudado.\ Os Dogmas não podem ser mudados.\ Não se pode mudar a missa.\ Fazer da missa uma refeição,\ uma refeição como fazem os protestantes.\ NÃO, ISSO NÃO! A missa é um SACRIFÍCIO!\ O sacrifício da CRUZ\ Como diz o Concílio de Trento, o Sacrifício da Missa é o Sacrifício do Calvário!” [sic].¹¹

O perfil @gvzpopo, ao contrário do anterior, ataca protestantes, maçons progressistas e “modernistas”, enquanto apresenta uma predileção por Bento XVI. O seu conteúdo mescla a valorização da missa em latim, da vocação sacerdotal e do *ethos* católico com respostas a evangélicos em forma de argumentos teológicos ou de *memes*. Por exemplo, numa publicação, a figura de um palhaço é colada sobre o rosto de Lutero, ao que emerge, em seguida e de maneira edificante, o Papa Pio V e outros membros não identificados do Concílio de Trento.¹² O significado desse vídeo, assim como de vários outros, precisa ser acessado pela lógica comum do *meme* “*soyjak* versus *chad*”. Em outra publicação, o zombeteiro dá lugar ao tom epistolar. Inicia-se com o *print* de um comentário anônimo que acusa os católicos de serem idólatras – velha diatribe dos evangélicos contra os católicos. A resposta desenvolvida nas caixas de texto tem o cuidado de oferecer a seguinte explicação: as imagens dos santos não são adoradas, mas sim veneradas, e tal prática é justificada como uma forma de “intercessão”.¹³

Por último, @apostoladopioV é de longe o perfil com o maior número de publicações e que acumula, proporcionalmente, o maior número de *likes*. Entre

¹⁰ < www.tiktok.com/@trad_ecclesia/video/7236026612813139205 >.

¹¹ < www.tiktok.com/@trad_ecclesia/video/7234162569907424518 >.

¹² < www.tiktok.com/@gvzpopo/video/7286103668896599302 >.

¹³ < www.tiktok.com/@gvzpopo/photo/7269932350534929669 >.



dedicatórias a santos e exortações religiosas, o perfil reflete os tropos tradicionalistas acerca da corrupção moderna avançada pelo laicismo, ecumenismo e a tolerância religiosa. Em uma das suas típicas publicações, adianta-se à acusação de fundamentalismo, não sem antes ressignificar a ideia do “extremismo religioso” como um traço da vocação católica a ser abraçado com orgulho, a exemplo dos mártires. “A Igreja não precisa de covardes, a Igreja não precisa de fiéis mornos”.¹⁴ Em outra, ele procura refutar o argumento de que os católicos devem se abster da violência, na contramão de uma visão pacifista, invocando para tanto São Tomás de Aquino e Santo Agostinho.¹⁵ A refutação desse argumento coincide com a devoção do perfil prestada a São Luís, rei da França e ocasional líder de cruzadas. Para citar uma última publicação que resume várias outras, encontra-se um “mini-catecismo” na forma de um embate entre o Diabo e São Pedro. Em cada imagem da sequência, o Diabo aparece defendendo a tolerância religiosa, a educação laica, a dignidade humana, a liberdade de expressão e, por fim, criticando a história da Igreja. Uma representação de São Pedro, do lado oposto, responde como cada uma das coisas mencionadas pelo seu adversário são perniciosas, como se não bastasse tê-las associado ao Diabo. A publicação se encerra com um painel destoante, onde se lê a conclusão: “Rejeite o monopólio estatal na educação de nossos filhos. Eles devem ser criados nos valores católicos de sempre, aquilo que a Igreja defende há 2 mil anos”.¹⁶

Entre tal constelação de publicações, aparecem com frequência, em alguns perfis mais do que outros, trechos de gravações da missa tridentina. A missa em questão se distingue da versão ordinária por ser realizada em latim, acompanhada por cânticos gregorianos e celebrada com o padre voltado de frente para o tabernáculo e, deste modo, de costas para o público. Nela não há espaço para o carisma, mas apenas para a observação mecânica do rito. Os leigos a atendem sem executarem qualquer função litúrgica, além da absoluta devoção. Às mulheres, recomenda-se o uso de véu branco na cabeça e, aos comungantes, que recebam a eucaristia diretamente da mão do padre, ajoelhados.

¹⁴ < www.tiktok.com/@apostoladopiov/photo/7319628430637600005 >.

¹⁵ < www.tiktok.com/@apostoladopiov/photo/7304830561946750213 >.

¹⁶ < www.tiktok.com/@apostoladopiov/photo/7326690286099385605 >.



A missa tridentina é um exemplo daquilo que Hobsbawm (2013, p. 1) chamou de “tradição inventada”, isto é, de um conjunto de práticas ritualizadas de natureza simbólica, orientadas para inculcar certas regras ou valores pela sua repetição e criadas para representar a ligação com um passado ao qual devem dar continuidade. Embora também seja chamada de a “Missa de Sempre”, ela foi estabelecida em 1570, no Concílio de Trento. Como um ritual simbólico, ela se tornou peça-chave no contexto das disputas recentes,¹⁷ pois captura, transmite e renova as expressões do ideário tridentino: a cerimônia impregnada de misticismo, a veneração contemplativa do sagrado, a sua herança dos santos e a imutabilidade da Igreja (Dinges, 1987, p. 142). Para os católicos tradicionalistas, a perda dessa materialidade simbólica representou o assolamento de um aspecto exclusivo das suas identidades e do vigor espiritual da religião católica (Dinges, 1987, p. 138-9, 146).

A missa tridentina aparece entre as publicações como o principal sinal do virtuosismo católico-tradicionista. Uma amostra disso é um *edit* que compara a missa em latim ao que parece ser uma celebração em que o padre balança as mãos em cima do púlpito, numa agitação típica de representantes da renovação carismática. Acima, a legenda prescreve: “Não tenha preguiça de procurar uma boa missa”.¹⁸ O intuito aqui é atrair a simpatia do público para o rito tradicional a partir do seu rigor rubricista, em contraposição à dessacralização do sacramento eucarístico supostamente realizada pela chamada “missa nova” oriunda do Vaticano II e aprofundada por aquilo que é percebido como a avacalhação praticada pelos católicos carismáticos. Outro *edit* a compara, desta vez, com um cenário do que parece ser um episódio de transe glossolálico de um culto neopentecostal.¹⁹ Agora, a mensagem se vale da solenidade do rito romano em contraposição à desordem e ao minimalismo de uma garagem adaptada para receber uma igreja.

¹⁷ Insatisfeito com a maneira como a missa tridentina continuava sendo praticada com o intento de resistir à adoção da missa nova, o Papa Francisco emitiu a Carta Apostólica “*Motu Proprio Traditionis Custodes*”, em 2021. Nessa carta, o papa levantou restrições sobre a sua realização, exigindo a autorização do bispo da diocese em que se pretende realizá-la, incluindo os grupos que anteriormente já tinham permissão para tanto. O documento abre lembrando que os “*traditionis custodes*” ou “guardiões da tradição” são os bispos em comunhão com o bispo de Roma (FRANCISCO, 2021).

¹⁸ < www.tiktok.com/@catolicotrad1/video/7302917697816366342 >.

¹⁹ < www.tiktok.com/@gvzpopo/video/7273627329443056901 >.



Nos dois vídeos, o público é induzido, por uma série de associações, a perceber os traços estéticos modernos como sinal da decadência e da degeneração do mundo ocidental dessacralizado. Por outro lado, a materialidade do rito tridentino representada na tela, com apelo subjetivo indisputável, atesta a verdade das suas convicções na cruzada contra o mundo moderno. Trata-se de um desvio do interesse espiritual para o estético, cuja inversão só pode ser descrita como fetichista. Entretanto, como discutiremos abaixo, seria equivocado julgá-los, sem antes reconhecer o apelo da estética tradicionalista e o seu potencial de recrutamento entre camadas da população que partilham de uma sensibilidade afinada com o projeto de restauração do mundo tradicional.

5. A missa tridentina como *commodity* religiosa

Temos utilizado conceitos da teoria do mercado religioso, vamos agora justificar melhor a hipótese que propomos para explicar parte das performances mencionadas acima. Cientes das suas limitações (Mariano, 2008), o emprego dessa teoria tem em vista apenas o seu arcabouço conceitual, que oferece ferramentas úteis para explorar a dimensão social do fenômeno religioso (Finke & Stark, 2000; Bainbridge & Stark, 2007).

Um dos *insights* seminais da teoria do mercado religioso foi assumir que as pessoas fazem escolhas religiosas da mesma maneira que fazem em relação a outras circunstâncias da vida, avaliando benefícios contra custos (Finke & Stark, 2000, p. 85). A partir da adaptação de modelos da teoria da escolha racional para o estudo da dinâmica imanente das religiões, concebeu-se as igrejas como organizações especializadas em prover serviços e bens espirituais, na medida em que há uma demanda natural dos seres humanos por explicações para questões de significado último da vida (Bainbridge & Stark, 2007, p. 52). A teoria postula que, cedo na história, líderes religiosos surgem e se especializam na tarefa de oferecer “compensadores sobrenaturais”, cuja aquisição, através do compromisso religioso, proporciona aos fiéis a possibilidade de trocá-los por outras recompensas, como, por exemplo, a vida eterna no Paraíso (Bainbridge & Stark, 2007, p. 48-56). Essa dinâmica de trocas entre leigos e especialistas religiosos justifica a concepção de um mercado composto pelo fluxo de



oferta e demanda de bens religiosos (Finke & Stark, 2000, p. 36; Oliveira & Neto, 2014, p. 222).

O conceito de *commodity* religiosa, utilizado para descrever qualquer bem ou serviço religioso, revela-se fundamental para a teoria, pois “[...] serve para identificar a religião como um objeto de escolha, envolvendo bens e serviços religiosos passíveis de serem produzidos e consumidos pelos agentes inseridos no mercado religioso” (Oliveira & Neto, 2014, p. 227). O conceito capta tanto a dimensão dos custos empregados na produção e distribuição de bens e serviços religiosos, quanto a dimensão do leque das preferências e das opções disponíveis aos consumidores.

O ritual da cerimônia religiosa é uma típica *commodity* ofertada pelas organizações religiosas, com a qual geralmente prometem a experiência de uma conexão com o sagrado. A avaliação da sua qualidade não é inteiramente separável da ordenação estética que possibilita a transfiguração da materialidade em algo além deste mundo, nem das experiências espirituais elicitadas na sua participação. Não à toa, a participação em rituais religiosos é uma das causas de aumento da fé em explicações religiosas (Finke & Stark, 2000, p. 107). O mecanismo explicativo por detrás dessa proposição é o de que a experiência do numinoso, vivenciada na cerimônia, evidencia ao seguidor que seu compromisso religioso está sendo empregado no caminho certo para a salvação, ao passo que a ausência de sentimento equivalente suscita a desconfiança de que o está desperdiçando no caminho errado. Bem-estar, euforia, espanto, excitação, paz interior e demais reações afetivas extraordinárias, em direções diferentes, desempenham o papel de comprovação da autenticidade da *commodity* religiosa que é consumida (Young, 1997, p. 142).

Como uma via de mão única, o desapego ao formalismo litúrgico foi uma inovação do protestantismo que favoreceu o seu avanço pelas camadas populares, ao tornar a cerimônia religiosa mais compreensível e, desta forma, mais cativante aos olhos dos leigos, mas cuja consequência adicional foi eliminar a mística do rito missal (Dinges, 1987). A resposta católica veio com a adoção tardia da *Novus Ordo Missae*, em 1969, naquela que foi uma decisão muito ansiada pelos bispos revisionistas do Vaticano II, devido ao consenso que se formou sobre a sua necessidade, motivada pela expansão dos pentecostais na América Latina e pelas dificuldades encontradas por



missionários católicos em se fazerem atrativos na África e na Ásia (Wilde, 2007, p. 49-50).

Por conta da iniciativa conciliar de ir ao encontro da inovação, generalizou-se a expectativa de que a reação católica aos evangélicos seguiria sempre a apropriação das mesmas estratégias populares dos seus concorrentes. Por um período de tempo, a renovação carismática justificou a expectativa no movimento da “destraditionalização cultural” do catolicismo (Pierucci, 2012, p. 88). Entretanto, nas redes sociais, é possível acompanhar a mobilização dos católicos tradicionalistas, *pari passu* à “onda conservadora” que avançou sobre a sociedade brasileira na última década (Almeida, 2019), com um forte discurso pela retraditionalização, a começar, do próprio catolicismo.

A correlação entre esses dois fenômenos citados não parece ser acidental. O fortalecimento do conservadorismo na esfera pública favorece a expansão do movimento católico-tradicionista, uma vez que a convergência entre o seu conjunto de crenças religiosas e o sistema cultural da sociedade reduz o grau de tensão entre ambos, e isso diminui o custo de adesão à causa católico-tradicionista (Bainbridge & Stark, 2008, p. 263). Por consequência da mudança ser exógena ao movimento religioso, a sua situação passa a ser normalizada sem que tenha que se adaptar ao seu contexto. Porém, porque a difusão do conservadorismo não conquista a hegemonia do sistema cultural, o movimento mantém o seu impulso milenarista. Ao mesmo tempo, essa difusão de uma miríade de discursos conservadores, ainda que alguns de natureza secular, alarga as oportunidades de recrutamento religioso entre aqueles que, em maior ou menor grau, identificam-se com a recusa dos valores modernos e progressistas.

Voltando ao tema das *commodities*, é importante notar como o apego pela missa tridentina preenche a lacuna deixada pelo racionalismo litúrgico moderno. A atuação dos católicos tradicionalistas, nesta medida, configura uma estratégia de diferenciação mercadológica, na qual o sinal da tradição, a mística sacramental e a estética sacra barroca são utilizadas como vantagens competitivas no mercado religioso, em reação à tendência moderna de popularização das *commodities* religiosas, avançada por evangélicos e seguida de perto por católicos carismáticos.

Embora seja incompreensível de uma perspectiva secular, diversos relatos apontam para como o simbólico objetificado no rito da missa tridentina guarda grande



força emocional para os fiéis. Segundo Stoekl (2006, p. 91-92, tradução nossa), o apelo da missa tridentina reside no seguinte:

A pessoa é transportada de volta para outro e mais poderoso mundo, onde regras e rituais, e não apenas o mundo do papa, eram definitivamente imutáveis. E, esteticamente, a missa antiga é, claro, preferível, infinitamente mais emocionante, tendo se provado por centenas de anos (desde o Pio V, na verdade).

Dinges (1987, p. 142, tradução nossa) complementa:

A percepção existente era de que o “Santo Sacrifício da Missa” objetivava uma zona religiosa distinta e sobreposta acima da *gestalt* mundana da vida e experiência cotidianas. Cumulativamente, a teologia da missa como um mistério, o uso da linguagem arcaica, os múltiplos sinais da cruz, beijos, reverências, as mãos levantadas, a linguagem ininteligível, a atmosfera mística e a rígida manutenção da distinção entre sagrado/profano na estrutura ecológica da missa tridentina reforçavam essa percepção.

Em resumo, a missa tridentina condiz com a categoria de *commodities* religiosas cuja experiência participa do processo de validação do produto religioso oferecido (Young, 1997, p. 142). Sua potente sensualidade favorece a crença de que a tradição não deveria ser flexibilizada para agradar ao mundo, pois é bela o suficiente para provar a verdade da mensagem que carrega: o valor sublime da tradição, na qual reside o sagrado. O caráter antigo e a riqueza simbólica contida na iconografia sacra medieval, distante do vulgar catolicismo popular, são instrumentalizados para reforçar a correspondência entre, de um lado, os requintes sacramentais, e do outro, a verdade da doutrina católica, em comparação ao paupérrimo serviço religioso oferecido pelos concorrentes, especialmente as igrejas evangélicas, sobre as quais também pesa a esterilidade teológica.²⁰ Somando-se a isso, prolifera-se o fenômeno da anemoia entre a geração de jovens que nunca a experimentaram quando era a versão ordinária da missa, para os quais então ela se torna a porta de acesso ao passado remoto idealizado.

O vínculo observado entre espiritualidade católica e estética sacra tradicional não é coisa inédita nem desconhecida, mas encontra um fundamento no argumento platônico de que a “beleza acompanha o bem e a verdade” e um precedente na atuação missionária “*via pulchritudinis*” da *Associação dos Arautos do Evangelho*. Herdeiros da

²⁰ Para uma perspectiva inversa a esta, apreciando como o “mau-gosto” dos evangélicos faz parte do seu apelo na América Latina, cf. Martin, 2006.



TFP, situados no espectro conservador do catolicismo e com uma identidade visual indisfarçadamente neo-templária, os *Arautos do Evangelho* defendem que:

Se, no passado, a beleza foi usada com essa eficácia evangelizadora, nos dias atuais sua utilização parece indispensável. [...] Utilizando o belo em todas as suas formas, pode-se com certeza atrair as almas para as verdades cristãs, fixá-las e fazê-las progredir na Fé (Dias, 2010, p. 26).

O projeto missionário transnacional dos *Arautos do Evangelho* consiste no esforço de recuperar e de reconduzir à centralidade da fé cristã os elementos litúrgicos que o protestantismo rejeitou como irracionais, com o fito de reintegrar as esferas sociais sob a égide da religião, antes de tudo, a partir da “recatolização” da subjetividade do indivíduo moderno. É possível observar, não sem ironia, que a sublimidade divina que os seus membros tratam de externalizar em tudo que fazem, a fim de abolir a clivagem sensível entre o temporal e o espiritual, assume sempre traços particularmente europeizados. A cegueira em respeito à construção social dos gostos individuais, cuja constatação invalidaria grande parte desse esforço, revela a necessária ingenuidade que o *ethos* tradicionalista tem de manter para se relacionar com a arte, de modo a pousar o seu interesse apenas no conteúdo e não na forma do objeto artístico – como previu Weber (1982, p. 391).

Para nosso propósito, importa destacar que a recorrência da missa tridentina entre o material analisado sinaliza o uso da mesma estratégia de sedução, com o propósito de alcançar adolescentes, jovens e demais usuários da rede social, tirá-los das searas concorrentes e conduzi-los à católica. Como uma forma de proselitismo, a sedução equivale justamente à replicação, nas redes sociais, dos elementos do repertório católico-tradicionalista com o fito de fazê-los aceitáveis aos olhos do público depois de terem experienciado uma pequena amostra. O duplo sentido da atuação dos perfis compreende a necessidade de não se manter apenas no nível incriminatório contra a concorrência, visto que não sendo suficiente apontar os defeitos dos outros para convencer o público, faz-se necessário também promover as virtudes das mercadorias que têm a oferecer no lugar. É desse modo que a violência simbólica e o fetichismo pelo tradicional se complementam.

Assim, a *commodity* que os católicos tradicionalistas ofertam é a suposta experiência religiosa autêntica do cristianismo, inalterada desde tempos remotos e



vivenciada pelo cultivo da tradição, algo que não é desprezível no campo inter-cristão, conforme grande parte das suas disputas gira em torno da afirmação de cada denominação religiosa ser a verdadeira intérprete da mensagem de Cristo. A qualidade dessa *commodity* é comprovada pela extravagância estética da sua forma litúrgica, entre outros elementos do repertório romano. Para aqueles que não são particularmente tão religiosos, os católicos tradicionalistas ainda têm a oferecer um abrigo afetivo, no qual os anseios conservadores podem ser satisfeitos pela nostalgia do mundo antes dos desdobramentos modernizantes. A devoção a uma causa superior, perene e transcendental que deve ser mantida com grandes sacrifícios individuais proporciona uma nobre justificação existencial aos característicos preconceitos que já exercem de longa data, por exemplo, em relação às minorias sociais.

Considerações Finais

Procuramos, neste trabalho, dar conta de mapear, compreender e explicar a atuação discursiva de católicos tradicionalistas encontrada no *TikTok*. Em que pese as dificuldades de reprodução das formas heteróclitas de linguagem empregadas nas redes sociais, chegamos à conclusão que há mais na atuação deles do que se depreende até o momento da literatura a respeito, voltada a enfatizar sua mobilização nos conflitos internos sobre o rumo da religião católica, ainda que isso seja verdade. Nessa literatura, perde-se de vista a pretensão evangelizadora por trás das apropriações de ferramentas digitais. Os católicos tradicionalistas fazem isso de uma maneira contraintuitiva, ao menos, em comparação ao que se habituou a esperar das estratégias de proselitismo religioso na contemporaneidade, a saber, que fossem cada vez mais simplificadas, carismáticas e com apelo popular.

Como foi dito, chama a atenção dois principais tipos de postagens, o primeiro dedicado a atacar os adversários e o segundo a enaltecer os elementos do repertório católico tradicionalista. Segundo nossa compreensão, ambos confluem para o mesmo objetivo de evangelização, que trata, primeiro, de mostrar os defeitos nos concorrentes e, depois, apresentar as qualidades da sua mercadoria religiosa. A missa tridentina serve, neste sentido, como a melhor *commodity* para se expor na vitrine do mercado religioso, em meio ao aumento difuso de expressões culturais ávidas pela restauração do passado na sociedade brasileira. Com seu apelo sensorial, ela é um vórtex simbólico que



encapsula as expressões do ideário católico-tradicionista (Dinges, 1987, p. 140). Propagandeando-a, eles prometem recuperar tanto a mística perdida com a racionalidade litúrgica moderna quanto a estrutura do mundo religioso intocado pelas mudanças sociais e culturais da modernidade.

Entretanto, a despeito de integrarem o coro de movimentos dedicados a resistir à modernidade, eles dão vazão a dinâmicas particularmente modernas. Deparamo-nos, dessa forma, com a dialética da modernidade religiosa. Se tal processo se caracteriza, entre outras coisas, pela pluralização religiosa, então haveria espaço no mercado religioso para a oferta de bens e serviços religiosos dos mais variados tipos, inclusive voltados para um nicho de gosto tradicionalista. Assim, olhar para os católicos tradicionalistas como um resquício do passado que insiste em existir nos tempos modernos, impede-nos de enxergar a estratégia comercial de diversificação com que seus produtos são ofertados num mercado religioso saturado por uma tendência que é percebida como a vulgarização do sagrado. Desta forma, no movimento de retorno à tradição, reproduzem a dinâmica inerente à modernidade: a diversificação do campo religioso.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Afonso de; QUINAN, Rodrigo. Extrema-direita, mídias digitais e estetização da política: o que deixamos de ver?. In: Anais do 30º Encontro Anual da Compós. Campinas: Galoá, 2021.

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 38, n. 1, pp. 185-213, jan/abr 2019.

BAINBRIDGE, William Sims; STARK, Rodney. **Uma teoria da religião**. São Paulo: Paulinas, 2008.

BENTO XVI. A proper hermeneutic for the Second Vatican Council. In: LAMB, Matthew L.; LEVERING, Matthew (Org.). **Vatican II: Renewal within tradition**. Oxford: Oxford University Press, 2008, pp. ix-xv.

BOYD, Danah. Social network sites as networked publics: Affordances, dynamics and implications. In: PAPACHARISSI, Zizi (Org.). **A networked self: Identity, community, and culture on social network sites**. New York: Routledge, 2011, pp. 39-58.



BUNT, Gary R. Religion and the internet. IN: CLARKE, Peter B. (Org.). **The Oxford Handbook of the sociology of religion**. Oxford: Oxford University Press, 2011, pp. 705-720.

DA MATA, Sergio. A dialética do **aggiornamento**. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, v. 43, n. 2, pp. 145-157, 2007.

DIAS, João Scognamiglio Clá. Beleza e sublimidade: Clave teológica da nova evangelização. **Lumen Veritatis**, v. 3, n. 10, pp. 9-31, jan/mar 2010.

DINGES, William. Ritual conflict as social conflict: Liturgical reform in the Roman Catholic Church. **Sociological Analysis**, v. 48, n. 2, pp. 138-157, 1987.

DINGES, William. Roman catholic traditionalism. In: MILLER, Timothy (Org.). **America's alternative religions**. New York: State University of New York Press, 1995, pp. 101-108.

DIRETRIZES DA COMUNIDADE. Publicado por **TikTok**. Disponível em: <https://www.tiktok.com/community-guidelines/pt-br/>. Acesso em 27 fev. 2024.

EXAME. Ranking mostra quantos brasileiros estão no **TikTok** em 2023. Disponível: <https://exame.com/tecnologia/ranking-mostra-quantos-brasileiros-estao-no-tiktok-em-2023/>. Acesso em 16 mar. 2024.

FINKE, Roger; STARK, Rodney. **Acts of faith: Explaining the human side of religion**. Berkeley: University of California Press, 2000.

FRANCISCO. **Traditionis Custodes: On the use of the Roman Liturgy prior to the Reform of 1970**. 2021. Disponível: https://www.vatican.va/content/francesco/en/motu_proprio/documents/20210716-motu-proprio-traditionis-custodes.html. Acesso em 25 de jul. 2024.

HOBSBAWM, Eric. Introduction: Inventing traditions. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). **The invention of tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, pp. 1-14.

LUEBBERS, Amy. The remnant faithful: A case of study of contemporary apocalyptic Catholicism. **Sociology of religion**, v. 62, n. 2, pp. 221-241, 2001.

MARIANO, Ricardo. Usos e limites da teoria da escolha racional da religião. **Tempo Social**, v. 20, n. 2, pp. 41-66, 2008.

MARTIN, Bernice. The aesthetics of Latin American pentecostalism: The sociology of religion and the problem of taste. In: ARWECK, Elisabeth; KEENAN, William (Org.). **Materializing religion: Expression, performance and ritual**. Aldershot: Ashgate, pp. 138-160, 2006.



OLIVEIRA, Lívio Luiz Soares de; NETO, Giácomo Balbinotto. A teoria do mercado religioso: Evidências empíricas na literatura. **REVER**, v. 14, n. 1, pp. 221-256, jan/jun 2014.

PIERUCCI, Antônio Flávio. De olho na modernidade religiosa. **Tempo Social**, v. 20, n. 2, pp. 9-16, 2008.

PIERUCCI, Antônio Flávio. O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito do censo 2010. **Anuac**, v. 1, n. 2, pp. 87- 96, nov. 2012.

PIO IX. The Syllabus of Errors. 1864. Disponível em: <https://www.papalencyclicals.net/pius09/p9syll.htm>. Acesso em: 13 fev. 2024.

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos; BONATO, Massimo. A construção da modernidade religiosa no Brasil e na Argentina: uma introdução. **Revista USP**, n. 120, p. 9-11, 2019.

RECUERO, Raquel; SOARES, Priscilla. Violência simbólica e redes sociais no Facebook: o caso da fanpage “Diva Depressão”. **Galáxia**, n. 26, p. 239-254, dez. 2013.

SAPITULA, Manuel Victor J. The formation and maintenance of traditionalist catholicism: A preliminary sociological appraisal of the Society of St. Pius X. **Philippine Social Science Review**, v. 62, n. 2, pp. 315-343, jul/dez 2010.

SANCHEZ, Wagner Lopes. Igreja Católica e liberdade religiosa: a renovação desencadeada pelo Concílio Vaticano II. **REVER**, v. 17, n. 3, pp. 123-138, set/dez 2017.

SBARDELOTTO, Moisés. Facetas midiático-digitais do neorreacionarismo católico no Brasil. **Reflexão**, v. 48, pp. 1-17, 2023.

SILVA, Ana Rosa Clochet da; CALDEIRA, Rodrigo Coppe. A intransigência católica como resposta ao mundo moderno. **Reflexão**, v. 48, n. 2, pp. 1-8, 2023.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. Linguagem ontológica e tradicionalismo em comunidades eletrônicas católicas. **Debates do NER**, v. 15, n. 25, pp. 215-239, jan/jun 2014.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. Padres conservadores em armas: o discurso público da guerra cultural entre católicos. **Reflexão**, v. 43, n. 2, pp. 289-309, jul/dez 2018.

STOEKL, Allan. French catholic traditionalism and the specter of reactionary politics. **South Central Review**, v. 23, n. 1, pp. 89-106, 2006.

VATICAN NEWS. Vigano excomungado por cisma. Disponível em: < <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2024-07/arcebispo-carlo-maria-vigano-excomungado-por-cisma.html> >. Acesso em 15 de jul. 2024.



WEBER, Max. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. In: **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, pp. 371-410.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: Fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: UNB, 2009, v. 1.

WILDE, Melissa J. **Vatican II**: A sociological analysis of religious change. Princeton: Princeton University Press, 2007.

YOUNG, Lawrence A. Phenomenological images of religion and rational choice theory. In: YOUNG, Lawrence A. (Org.). **Rational choice theory and religion**. New York: Routledge, 1987, pp. 133-145.